



A questão (ou distorção) da reportagem em matérias sensacionalistas¹

Fábio Rausch²

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

Resumo

Este trabalho resulta de apontamentos iniciais para a dissertação de mestrado do pesquisador, por meio da qual busca estudar a evolução das coberturas sensacionalistas na história da imprensa sul-rio-grandense. Neste artigo, está-se a revisar aspectos teóricos da notícia e da própria fundamentação do jornalismo enquanto campo de estudo. A cobertura aqui problematizada refere-se ao tratamento jornalístico dado pelos jornais *Diário de Notícias* e *Última Hora* às investigações policiais em torno do Caso Kliemann, crime dos anos 1960 que envolveu a esposa do então deputado estadual pelo PSD, Euclides Kliemann. São utilizados conceitos primordiais do fazer jornalístico, como a pirâmide invertida e o texto objetivo, com base nas definições, muito especialmente, de Mário L. Erbolato e de Nelson Traquina.

Palavras-chave: Teoria do Jornalismo; Sensacionalismo; Reportagem; Caso Kliemann.

1. Introdução

O presente trabalho resulta de experimentações teóricas que o pesquisador vem fazendo, com o intuito de estruturar a sua dissertação de mestrado. No momento, está-se a revisar a literatura sobre sensacionalismo e imprensa, a fim de melhor conceituar o campo de estudo e de traçar uma evolução das práticas sensacionalistas na história do jornalismo sul-rio-grandense. Neste artigo, pretende-se apontar elementos textuais que possam ter distorcido o gênero reportagem, no sentido de inserir vieses opinativos em uma abordagem que, estrito senso, deva se apresentar essencialmente informativa.

2. Metodologia

A dissertação de mestrado vindoura está voltada ao objetivo de apontar que variação temática e / ou de tratamento jornalístico têm recebido as coberturas sensacionalistas ao longo da história da imprensa sul-rio-grandense. De posse disso,

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática de Jornalismo do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 17 a 19 de maio de 2010, na Feevale, em Novo Hamburgo.

² Bacharel em Jornalismo, formado pela Faculdade de Comunicação Social da PUCRS, em agosto de 2007, e mestrando em Comunicação Social na mesma universidade, tendo ingressado no programa em março de 2009, com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), e orientado pelo Prof. Dr. Jacques A. Wainberg. É coordenador do Grupo de Estudos em Políticas e Tecnologias da Comunicação, vinculado ao PPGCOM da PUCRS. Desenvolve estudos voltados à história da imprensa sul-rio-grandense, com ênfase em práticas jornalísticas publicísticas e sensacionalistas. E-mails: fabio.rausch@acad.pucrs.br; fabiorauschcol@yahoo.com.br.



acredita-se ser possível resolver um problema que se impõe: como elementos de teor opinativo podem distorcer o viés informativo de uma reportagem genérica.

A sistemática de pesquisa seguirá orientação exploratória, baseada no que Gil (2008) define como “finalidade [de] desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e idéias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores” (p.27). O princípio técnico da busca de dados, da aplicação e da análise posterior seguirá o caminho dedutivo, estabelecido por Santaella (2001): parte-se de premissas gerais, teorias e leis, para se predizer a ocorrência de fenômenos particulares.

Vale ressaltar que o campo de pesquisa em torno da temática da imprensa sensacionalista ainda não tem sido desenvolvido com objetivos de pensar o seu contexto conceitual, ou seja, a partir de análises das suas coberturas ao longo do tempo. Na maioria das vezes, a bibliografia disponível vem procurando se ater a estudos de casos isolados. Além disso, como apontou Amaral (2006), por vezes, encontra-se ultrapassada e carente de novos estudos que examinem as suas características.

Quanto ao método por meio de análise de conteúdo, diz O. R. Holsti (apud BARDIN, 1977) que, no processo de codificação de dados brutos, eles são transformados sistematicamente e agregados em unidades, a fim de se alcançar uma descrição exata das características pertinentes ao conteúdo.

Este é o processo de codificação sugerido por Fonseca Júnior (2005): a) o recorte — escolha das unidades de registro e de contexto (elementos que tratem do Caso Kliemann no decorrer das investigações policiais à procura do assassino de Margit); b) a enumeração — escolha das regras de enumeração (palavras-chave como culpado, assassino, Kliemann, Euclides, Margit, investigação, dama, esotérica, polícia, deputado, esposa, caso, etc); c) a classificação e agregação — categorias (estabelecer blocos temáticos entre duas reportagens): 1) *Diário de Notícias*; 2) *Última Hora*; subcategorias: a) *Objetivo da matéria*; b) *Questão da objetividade jornalística*; e c) *Questão (ou distorção) do gênero reportagem*.

As palavras-chave, sobretudo, podem abraçar o conceito de AUGRAS (1978), para quem os estereótipos [rotulações] reduzem todas as qualidades de um objeto a uma só característica.

“A notícia objetiva seus atores, cria e impõe estereótipos, faz coincidir com estereótipos (já impostos) e, portanto, produz a



objetividade aparente porque atribui ao agente um caráter exemplar, universaliza ao convertê-lo em ponto de referência” (BARTOLOZZI apud BARROS FILHO, 2003, p.90).

Do ponto de vista quantitativo, a primeira etapa de pesquisa consistiu em coletar dados nos próprios objetos estudados, os jornais que trataram do assunto à época da primeira cobertura sensacionalista estudada. Entre agosto de 2007 e fevereiro de 2008, realizou-se completo levantamento nos principais jornais que cobriram o Caso Kliemann, desde a morte de Margit até a de Euclides, também assassinado pouco mais de um ano depois do ocaso da esposa, em debate político. De 21 de junho de 1962 a 1º de setembro de 1963, foram encontradas, no acervo do Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa, em Porto Alegre, 245 edições que trataram desse assunto, nos periódicos *Correio do Povo* (9), *Diário de Notícias* (92), *Folha da Tarde* (6), *Jornal do Dia* (7) e *Última Hora* (131).

Em *Diário de Notícias* e *Última Hora*, as coberturas quase que diárias extrapolaram o nível de importância dado pelos demais veículos de imprensa, pois ambos, a cada dia, geravam novos capítulos para o mistério sobre quem assassinara Margit, no perfeito estilo melodramático dos antigos romances de folhetim³.

Para Barros (1999), a dramatização do cotidiano atendia à consciente decisão editorial de *Última Hora*. João Ribeiro, primeiro secretário de redação deste periódico, confessou que, para abrir espaços na imaginação do leitor, chegava-se a ponto de “a realidade se confundir com a ficção” (p.68). O jornal, autêntico tabloide, a exemplo dos congêneres *Daily Mirror* (inglês) e *Paris Jour*, documentou o crime da senhora Kliemann em tom sensacionalista. “Quase toda a redação de *Última Hora*, inclusive a editoria política e o colunismo social, dedicou-se a cobrir o que ficaria famoso, na história do jornalismo gaúcho, como um crime insolúvel” (BARROS, 1999, p.124).

Mesmo tendo perfil diverso ao de *Última Hora*, dentro do regime jornalístico de *organização empresarial* estabelecido por Rüdiger (2003), em que concorria com o *Correio do Povo*, por meio da imparcialidade informativa, entende-se que o *Diário de Notícias*, no Caso Kliemann, não foi muito menos sensacionalista que a *Última Hora*.

Esta prática encontra correspondência nas narrativas que fundamentam os fatos. Com efeito, a essência da técnica jornalística reside “na *espetacularização*

³ Conforme Hohlfeldt (2003), o romance de folhetim apresenta, entre outros aspectos, enredo complexo, melodramaticidade, diversos personagens e ações eletrizantes que se multiplicam através de capítulos.



(*sensacionalização*) do acontecimento” (SILVA, 2003, p.106). Por técnica, abraça-se o que Heidegger (1990) chama de um modo para desvelar. Ou, ainda, se aplicada no jornalismo, conforme Silva (2003, é cobrir para descobrir, como ele reflete a seguir:

“A narrativa jornalística muda com o tempo e com as culturas. Hoje, incorpora, cada vez mais, os elementos da narrativa dramática, como se fosse uma ficção, uma novela, uma intriga, com personagens, tensão crescente, trama, desfecho, oposição marcada de papéis (bem e mal), simulação de contradições para dar profundidade psicológica aparente aos personagens” (SILVA, 2003, p.107).

3.1 *Fait-divers*

O *fait-divers*, notícia que causa impacto ao leitor, como crimes envolvendo pessoas conhecidas (ERBOLATO, 2008), apresenta caráter quente e circunstancial (MAFFESOLI, 1988). Relatos assim abastecem a imprensa sensacionalista com ingredientes insólitos e extravagantes, para a manchete de capa. Segundo Hohlfeldt (2003), ao contrário da notícia, que remete a outros discursos e realidades, o *fait-divers* possui estrutura fechada, cujas chaves para compreendê-lo estão nele mesmo, entendido como “informação total ou imanente” (HOHLFELDT, 2003, p.243). Ele apresenta carga suficiente de interesse humano, para causar a “tênue sensação de algo vivido no crime, no sexo e na morte” (AGRIMANI, 1995, p.26).

Na linha de Barthes (1971), Ramos (2001) aponta as causas *perturbada* e *esperada* para o *fait divers* de *causalidade*. A *causa perturbada* — a que interessa aqui — aborda o desconhecimento causal e a possibilidade de pequeno fato produzir grande efeito, motivado, sobretudo, pela imprecisão dos motivos ou pelo ilógico. O grau de *excepcionalidade* é o conflito formalizado, “inexplicável aos recursos da racionalidade (...), cujo código de fala é a língua da *emocionalidade*” (RAMOS, 2001, p.125).

No que conceitua como dramas do destino humano, Charaudeau (2006) estabelece categorias para classificar o tratamento que a mídia dá aos fatos. No presente estudo, utilizam-se duas: “o *trágico*, que descreve o conflito entre paixão e razão, entre pulsões de vida e pulsões de morte; e o *horror*, que conjuga exacerbação do espetáculo da morte com frieza no processo de exterminação” (p.141). O mesmo autor comenta que o jornal francês *Libération* foi o primeiro a considerar que os *fait divers* são fatos da sociedade, capazes de revelar a realidade, da mesma forma que os da política. Em 1995, o periódico publicou uma série de textos nessa linha.



3.2 Sensacionalismo

A produção da matéria capaz de emocionar e escandalizar é a tônica dramática do jornalismo sensacionalista, que contém noticiário de *fait-divers*, para representar uma cena, a ponto de o leitor, como observador *voyeur*, sentir-se presente ao quadro exposto (HOHLFELDT, 2002). O veículo com essas características “opera como um meio de liberação da culpabilidade do ato, que o leitor realiza na imaginação, sobre as personagens dos acontecimentos” (PEDROSO, 2001, p.51).

Agrimani (1995) utiliza definições de Ferreira (1986) para conceituar sensacional, sensacionalismo e sensacionalista. O primeiro adjetivo aponta para a produção de sensação intensa, do espetacular. No caso seguinte, há referência a divulgar e explorar, em tom espalhafatoso, matéria capaz de emocionar ou escandalizar. O último termo designa a presença de caráter sensacional.

Segundo Marcondes Filho (1986), a prática sensacionalista está aliada ao nutriente psíquico, desviante ideológico e à descarga de pulsões instintivas. Cabe à manchete vender aparência chocante. Conforme o mesmo autor, esta frase vem carregada de apelos às carências psíquicas das pessoas e explora-as de forma sádica, caluniadora e ridicularizadora. Assim, o jornalista tem a responsabilidade de extrair cargas apelativas capazes de chocar o leitor e, por consequência, aumentar a circulação do periódico através dos “tentáculos da emoção” (RAMOS, 2001, p.125).

Nos séculos XV e XVI, na Europa, a igreja, a taverna e a praça do mercado eram os palcos onde menestréis, verdadeiros contadores de histórias ou cantores de baladas, disputavam a atenção pública com relatos ou cantigas sensacionalistas (GONTIJO, 2004). Neste período, brochuras informativas, os *occasionnels*, continham *fait divers*.

Entre 1560 e 1631, os jornais franceses *Nouvelles Ordinaries* e *Gazette de France* já traziam *fait divers* e notícias sensacionais. Subsequentes aos *occasionnels*, surgem os *canards*, “relatos de acontecimentos singulares ou prodigiosos que se poderia crer tirados da imaginação do autor, o *canardier*” (HOHLFELDT, 2003, p.245).

O lançamento do *New York Sun*, em 1833, marca a presença dos jornais baratos da *penny press*. Além dos assuntos políticos e econômicos, o jornal trazia histórias de crimes, escândalos, tragédias e notícias interessantes ou divertidas (TRAQUINA, 2005). O grande repórter, conhecido como *muckracker*, “desencavava os escândalos” (NEVEU, 2006, p.22). Em menos de quatro anos, este periódico alcançou a venda diária de 30 mil exemplares, superando em quinze vezes a tiragem inicial.



É no final do século XIX, por sua vez, que dois jornais norte-americanos darão o acabamento final para o estilo sensacionalista conhecido atualmente, originando o termo “imprensa amarela” (AGRIMANI, 1995, p.21). O *New York World*, editado por Joseph Pulitzer, aos domingos, publicava história em quadrinhos chamada *Hogan’s Alley*, cujo personagem principal era um menino de feições engraçadas, e que vestia camisola amarela. Ele era chamado de *Yellow Kid*. O modelo foi copiado por William Randolph Hearst, diretor do *Morning Journal*, ao contratar do periódico concorrente *Outcalt*, autor dos quadrinhos. No *World*, a tarefa ficaria a cargo de George Luks. Ambas as folhas chegavam a um milhão de exemplares diários.

Baseado em Monestier (1982) e Romi (1962), Agrimani (1995) conta que muitas obras-primas da literatura basearam-se em *fait divers*. Em **O sofrimento do jovem Werther**, publicado, pela primeira vez, em 1774, Goethe inspirou-se nas próprias desilusões amorosas, devidas a paixões por mulheres comprometidas, e no suicídio de Karl Wilhelm Jerusalem, pessoa próxima a amigo seu, Christian Kestner, cuja noiva, Charlotte Buff, também fora cortejada pelo escritor alemão. Em 1773, Jerusalem desferiu um tiro na própria cabeça, já que a esposa de um colega não correspondera ao seu amor (TOLLE, 2006). No livro, Werther idealizava Carlota, que se casara com Alberto. Atormentado, o protagonista envia cartas de despedida aos entes mais próximos, inclusive a ela, adiantando o seu suicídio. Assim é narrado:

“Um vizinho viu o clarão da pólvora e ouviu o tiro (...). No dia seguinte, pelas seis horas da manhã, o criado entrou na câmara com luz; achou seu amo caído no chão, para um lado a pistola, e todo alagado em sangue (...). A bala, havendo penetrado o coronal na parte superior ao olho direito, tinha ofendido essencialmente o cérebro. (...). Werther morreu ao meio-dia” (GOETHE, 2006, p.162-163).

Na falta de conceituação definitiva acerca de jornalismo sensacionalista, procura-se, contudo, fornecer o entendimento inicial de que essa prática tem potencial para, possivelmente, distorcer o gênero reportagem. Ou seja, munido de *fait-divers*, e por meio de suítes⁴, um veículo pode alimentar, por assim dizer, reportagens de teor sensacional. Tal prática, a meu ver, pode comprometer o viés informativo que caracteriza a reportagem, estrito senso. Eis a definição de Pedroso:

⁴ Suíte: sequência de um assunto, em edições subsequentes do jornal, sempre que houver novas informações a respeito (ERBOLATO, 2008).



“Defino o jornalismo sensacionalista como o modo de produção discursiva da informação de atualidade, processado por critérios de intensificação e exagero gráfico, temático, linguístico e semântico, contendo em si valores e elementos desproporcionais, destacados, acrescentados ou subtraídos no contexto de representação e construção do real social” (PEDROSO, 2001, p.52).

3.3 O campo jornalístico

A rotina jornalística, por excelência, pressupõe o desafio de administrar o fator tempo, já que o inesperado pode ocorrer a qualquer momento, sobretudo porque divulgar a informação mais atual, em primeira mão, é o princípio básico dessa prática. A cultura profissional acaba, por assim dizer, privilegiando um saber instintivo e não reflexivo (TRAQUINA, 2005a), capaz de proporcionar ao jornalista a capacidade de distinguir entre o que merece, ou não, receber tratamento jornalístico.

Crítico com relação à produção midiática, em uma série de cursos⁵ que ministrou no Collège de France, diante de platéias formadas por jornalistas, Bourdieu (1997) expôs as contradições que constataria dentro desse campo profissional. Entre as críticas, destaca: “os jornalistas têm óculos especiais a partir dos quais vêem certas coisas e não outras; e vêem de certa maneira as coisas que vêem. Eles operam uma seleção e uma construção do que é selecionado” (p.25).

Em que pese críticas, o jornalismo tem a sua própria lógica e funciona a partir dela. Grande parte dela está centrada em um “vocabulário de precedentes” (ERICSON, BARANEK e CHAN apud TRAQUINA, 2005a, p.41), por meio do qual os jornalistas colocam em prática a própria experiência diária, adquirida mediante contato com colegas, fontes, superiores hierárquicos e outros textos jornalísticos.

A construção da notícia, portanto, segundo síntese conceitual formulada por Traquina (2005; 2005a), através de revisões bibliográficas em obras de Teoria do Jornalismo, será feita mediante aplicação dos saberes de reconhecimento, de procedimento e de narração do jornalista. Respectivamente, trata-se de reconhecer quais acontecimentos possuem valor de notícia, com critérios como notoriedade, proximidade geográfica, etc; saber que dados escolher para elaborar o texto noticioso; e, com base nos recursos do *lead* e da *pirâmide invertida*, saber como elaborar a narrativa da notícia.

⁵ As palestras foram gravadas e transmitidas em dois programas, em maio de 1996, pela Paris Première. As aulas foram transcritas e organizadas no livro **Sobre a televisão**. No presente estudo, utiliza-se a obra editada pela Jorge Zahar, no Brasil, que data de 1997.



A propósito disso, cabe ressaltar a lógica do texto jornalístico, em que o *lead*⁶ traz para o primeiro parágrafo da matéria os elementos mais importantes do texto, organizando-o dentro do conceito corrente daquele meio, a *pirâmide invertida*, disposta sequencialmente (ERBOLATO, 2008): a) entrada ou fatos culminantes; b) fatos importantes ligados à entrada; c) pormenores interessantes; d) detalhes dispensáveis.

Pereira Júnior (2006) conta que, na metade do século XIX, devido a dificuldades técnicas no envio de reportagens via telégrafo, as agências de notícias, caso da americana Associated Press, fizeram uma solicitação a seus repórteres correspondentes: concentrar os elementos mais importantes no primeiro parágrafo. No Brasil, nos anos 1950, o *Diário Carioca* apreenderá dos norte-americanos o *lead* e a *pirâmide invertida* e introduzirá essas técnicas na imprensa brasileira (LAGE, 2006).

A técnica serve à ideologia da *objetividade jornalística*, que “reconheceu, implicitamente, o jornalista como perito” (TRAQUINA, 2005, p.60) de tal julgamento. Neste caso, ser objetivo pressupõe ser imparcial e, portanto, escrever em terceira pessoa.

“Outra característica da notícia é a objetividade. Deve ser publicada de forma sintética, sem rodeios e de maneira a dar a noção correta do assunto focalizado. Quem colhe dados, observando o local ou entrevistando pessoas capacitadas a proporcionar informações para a matéria, deve agir com isenção de ânimo. Honestidade e imparcialidade são atributos exigidos do repórter. Porém, o poder de síntese não impedirá a clareza” (ERBOLATO, 2008, p.56).

Deve-se lembrar que a teoria do espelho, a primordial entre as análises teóricas da notícia, sustenta que o jornalista é comunicador desinteressado que reflete a realidade tal como ela é (TRAQUINA, 2005). “Mas a teoria do espelho, intimamente ligada à própria legitimidade do campo jornalístico, é uma explicação pobre e insuficiente, (...) [ainda que, ao se afirmar isso, não se tenha] qualquer intuito de [se] pôr em causa a integridade dos seus profissionais” (TRAQUINA, 2005, p.149).

A própria noção da objetividade sugere que a produção textual dos profissionais desse campo é mais uma “construção da realidade” (PEREIRA JÚNIOR, 2006, p.15; TRAQUINA, 2005; 2005a) do que o seu reflexo em si. Erbolato (2008) esclarece algumas das dificuldades da atividade jornalística:

⁶ O tradicional *lead* corresponde à técnica utilizada pelos jornalistas na abertura de suas matérias. A rigor, ele deve responder aos seguintes questionamentos: o quê; quem; quando; onde; como; e por quê.



“Nenhum jornalista duvida que interpretar objetivamente é mais difícil do que informar, já que, no processo de pesquisa, de investigação e de análise dos acontecimentos, os fatores subjetivos têm mais oportunidade de se manifestarem do que quando simplesmente são descritos os fatos. Contudo, a simples informação, às vezes, também é difícil de ser redigida, dentro de rigorosa objetividade” (ERBOLATO, 2008, p.35).

4. A questão (ou distorção) da reportagem no Caso Kliemann

Melo (2003) reconhece que “o maior desafio do jornalismo como campo do conhecimento é, sem dúvida, a configuração da sua identidade enquanto objeto científico” (p.41). Por isso mesmo, faz-se necessário definir os gêneros presentes nas diversas produções jornalísticas.

Não se está, aqui, contudo, problematizando a variação de tais conceitos na rotina produtiva das redações de jornal, tampouco a evolução no tratamento dado pelos profissionais do campo a esse ou aquele gênero, ao longo da história do jornalismo. Quer-se apenas avaliar a variação conceitual da reportagem nos dois textos aqui selecionados.

Para tanto, precisa ficar claro que, historicamente, o jornalismo vem se dividindo entre duas categorias básicas: *jornalismo informativo* e *jornalismo opinativo*. Tal categorização “emerge da necessidade sociopolítica de distinguir os fatos (news/stories) das suas versões (comments), ou seja, delimitar os textos que continham opiniões explícitas” (MELO, 2003, p.42). No entanto, até mesmo essa abordagem clássica do campo encontra resistências. Quanto a isso, Chaparro (2007) é taxativo:

“Não há, pois, como definir uma fronteira entre opinião e informação. Pela simples razão de que não existe essa fronteira. Existe, sim, uma relação interativa, dialética, estratégica, criativa, permanente, entre informação e opinião. E nessa relação se constrói o jornalismo, tanto nos esquemas da narração (para relatar os fatos) quanto nos esquemas da argumentação (para comentar os fatos)” (CHAPARRO, 2007, p.13).

De acordo com Erbolato (2008), a reportagem é uma notícia aprofundada resultante de pesquisa em arquivos de jornais e de bibliotecas e da coleta de dados secundários ao fato principal. A prática da reportagem originou a denominação de jornalismo interpretativo, pelo qual o repórter apresenta vários ângulos para uma só notícia, com “esforço analítico e documental” (MELO, 2003, p.47). Mas Erbolato



mesmo alerta: “Não se poderia, a rigor, falar em interpretação, sem que se oferecesse ao leitor algo de opinião. E opinar é privilégio, por exemplo, dos editoriais, que representam o pensamento da direção de qualquer matutino ou vespertino” (p.31).

De posse do suporte teórico-metodológico desenvolvido até aqui, lança-se mão das duas reportagens propostas para análise. Antes, cabe reproduzir os títulos do primeiro *fait-divers* que daria para fôlego para a prática do jornalismo sensacionalista deste estudo, tanto por *Diário de Notícias* quanto por *Última Hora*:

Em 20 de junho de 1962, Margit Kliemann, esposa do deputado estadual Euclides Nicolau Kliemann (PSD), foi encontrada morta na sala da sua residência, à Rua Barão do Santo Ângelo, no Bairro Moinhos de Vento, em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Segundo a polícia da época, ela teria levado pancadas na cabeça, com atizador de lareira, sendo o marido, Euclides, o principal suspeito do assassinato.

A 21 de junho de 1962, o *Diário de Notícias* destaca: “Morta a pancadas a esposa do deputado Euclides Kliemann”. No dia seguinte, *Última Hora* divulga: “Abalado todo o Rio Grande: Primeira conclusão no Caso Kliemann / Polícia: Não é latrocínio”.

Agora, eis as reportagens:

1) *Diário de Notícias* — Reportagem sob o título “Carta escrita em alemão (de Santa Cruz) confirma depoimento da médium à polícia” — 23 de julho de 1962. Estas são as subcategorias analisadas:

a) *Objetivo da matéria*: Informar a respeito do surgimento de carta que sustenta a versão de uma das fontes ouvidas nas investigações da morte de Margit Kliemann. Além disso, a matéria sustenta versão da médium esotérica Alda Marina Lopes Saraiva, de que haveria uma testemunha do crime, amiga íntima e confidente da assassinada;

b) *Questão da objetividade jornalística*: Os trechos “conforme noticiamos” e “soubemos de fonte digna” contrariam a própria natureza do gênero reportagem. Quebra-se o princípio da objetividade jornalística, pautada na terceira pessoa, e abre-se margem para a primeira pessoa, característica mais condizente com editoriais e outros formatos opinativos. Além disso, a própria não identificação de quem informou sobre a chegada da carta à polícia e a ausência da identidade do tal “missivista alemão” quebra outro princípio não só



do gênero, mas da própria finalidade do jornalismo, qual seja: informar baseando-se em fontes;

c) *Questão (ou distorção) do gênero reportagem*: A sustentação à versão da esotérica, por meio de fontes não identificadas, dá margem a exercícios textuais que extrapolam o próprio viés interpretativo, até possível em uma reportagem genérica. Ou seja, o contexto proposto nessa abordagem deixa clara uma tomada de partido, pela qual o periódico sustenta uma posição editorial a partir de texto cujo gênero pressupõe-se informativo, estrito senso.

2) *Última Hora* — Reportagem sob o título “Polícia insiste com Kliemann” — 23 de julho de 1962. Estas são as subcategorias analisadas:

a) *Objetivo da matéria*: Ao invés de informar, o jornal faz uma reflexão em torno do trabalho da polícia nas investigações do Caso Kliemann. Além disso, sem apontar fontes, tampouco bases para as informações citadas, formula uma premissa taxativa logo no início da matéria, para que, ao longo de toda a construção textual, consiga fornecer elementos que lhe dêem sustentação. Em última análise, a opinião manifestada no decorrer da narrativa é atribuída à polícia e à suposta ineficiência dela como agente-investigador. Mas o próprio uso da primeira pessoa, incompatível com a reportagem jornalística, como já foi comentado, deixa claro uma posição editorial:

“Analisando os trabalhos policiais até a presente data, *UH* [*Última Hora*] chegou a uma conclusão: todas as investigações convergem para uma pessoa. E essa pessoa é exatamente o deputado Euclides Kliemann. A polícia só tem uma preocupação, que pode ser despiste: checar o depoimento do deputado”;

b) *Questão da objetividade jornalística*: Na sequência, o texto emprega adjetivos e um acúmulo de interrogações. A essas, responde com novas interrogações ou ironias, com evidente teor opinativo. A atuação da polícia é classificada como “papel bizarro”. E expõe nova conclusão analítica: “Porque, até agora, a polícia tem feito o deputado Kliemann alvo de todas as investigações, suspeito único, contra quem devem ser coligidas todas as provas”.

c) *Questão (ou distorção) do gênero reportagem*: A matéria sustenta, com base em inferências próprias, sem qualquer menção a fontes, o que



denomina de teoria do triângulo: uma dama que presencia o crime, a que é assassinada e o cavalheiro. E assevera: “O assassino só pode ser o cavalheiro”. E questiona: “E quem?”. E responde: “Nem é preciso responder”. Dada a sua posição editorial, procura transferir a responsabilidade pela [des] informação: “No entanto, a polícia insiste em dizer que não está acusando o deputado Euclides Kliemann”.

5. Considerações finais

A ironia de SILVA (2003, p.106), de que a verdade do jornalismo seria a de “*espetacularizar*, em graus variados, para vender e garantir a audiência (acumulação de ganhos ao menor custo)”, encontra consonância nas reportagens analisadas, até porque ambos os periódicos (*Diário de Notícias* e *Última Hora*) reproduziram autêntica inversão do princípio de uma cobertura jornalística, a de cobrir para descobrir. Ou seja, não coletaram informações fidedignas e, tampouco, trouxeram ao leitor versões elucidativas com relação ao desenrolar das investigações do Caso Kliemann.

Não se observou, também, o atendimento aos princípios teóricos da *objetividade* e da *pirâmide invertida*, recursos técnicos que norteiam a conduta profissional do jornalista, que busca abordar assuntos diversos, sem tomar partido ou expressar opinião própria. Até porque, “na definição dos jornalistas, (...) [deve-se] destacar as notícias informativas, relegando a opinião a plano secundário” (BARBOSA, 2007, p.96).

Em que pese essas considerações acerca da objetividade e da preponderância do viés informativo sobre o opinativo, é arriscado afirmar, categoricamente, que os textos analisados não se enquadram na classificação da reportagem. Cabe lembrar que nem todo texto segue, prototipicamente, as características de determinado gênero, embora não deixe de receber essa classificação genérica (COSCARELLI 2007).

De toda maneira, não se pode ignorar as distorções dos fundamentos jornalísticos, cometida por ambos os periódicos, nas reportagens analisadas. Constatação esta, porém, que deve servir de estímulo para que se pense, tanto no meio acadêmico quanto no âmbito dos meios de comunicação, em formas de se conduzir, crítica e responsabilmente, o próprio fazer jornalismo.

6. Referências

AGRIMANI, Danilo. **Espreme que sai sangue**, São Paulo: Summus, 1995.



- AMARAL, Márcia Franz. **Jornalismo popular**, São Paulo: Contexto, 2006.
- AUGRAS, Monique. **Opinião pública**, Petrópolis, RJ: Vozes, 1978.
- BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa**, Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**, São Paulo: Martins Fontes, 1977.
- BARROS, Jefferson. **Golpe mata jornal**, Porto Alegre: Já Editores, 1999.
- BARROS FILHO, Clóvis de. **Ética na comunicação**, São Paulo: Summus, 2003.
- BARTHES, Roland. **Ensaio crítico**, Lisboa: Edições 70, 1971.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- CHAPARRO, Manuel Carlos. **Pragmática do jornalismo**, São Paulo: Summus, 2007.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**, São Paulo: Contexto, 2006.
- COSCARELLI, Carla Viana. “Gêneros textuais na escola” in Revista Veredas On Line, Juiz de Fora: UFJF, n.2, 2007, p.78-86. Disponível em: <http://www.revistaveredas.ufjf.br/volumes/21/artigo05.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2009.
- DE GRANDI, Celito. **Diário de Notícias**, Porto Alegre: L&PM, 2005.
- ERBOLATO, Mário L. **Técnicas de codificação em jornalismo**, São Paulo: Ática, 2008.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa da. “Análise de conteúdo” in DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**, São Paulo: Atlas, 2005.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**, São Paulo: Atlas, 2008.
- GOETHE, Johann Wolfgang Von. **O sofrimento do jovem Werther**, São Paulo: Hedra, 2006.
- GONTIJO, Silvana. **O livro de ouro da comunicação**, Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- HEIDEGGER, M. “La question de la technique” in **Essais et conférences**, Paris: Gallimard, 1990.
- HOHLFELDT, Antonio. **Deus escreve direito por linhas tortas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.
- HOHLFELDT, Antonio. **Última Hora**, Porto Alegre: Sulina, 2002.
- LAGE, Nilson. **A reportagem**, Rio de Janeiro: Record, 2006.
- MAFFESOLI, Michel. **Une forme d’agrégation tribale**, Paris: Autrement, 1988.



- MARCONDES FILHO, Ciro. **O capital da notícia**, São Paulo: Ática, 1986.
- MELO, José Marques de. **Jornalismo opinativo**, Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.
- MONESTIER, Alain. **Fait Divers**, Paris: Musée National des Arts et Traditions Populaires, 1982.
- NEVEU, Érik. **Sociologia do jornalismo**, São Paulo: Edições Loyola, 2006.
- PEDROSO, Rosa Nívea. **A construção do discurso de sedução em um jornal sensacionalista**, São Paulo: Annablume, 2001.
- PEREIRA JÚNIOR, Luiz Costa. **A apuração da notícia**, Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.
- RAMOS, Roberto. “Roland Barthes: Semiologia, mídia e fait divers” in Revista Famecos, Porto Alegre: PUCRS, abril 2001, p.119-127.
- ROMI. **Histoire des fait divers**, Milão: Port Royal, 1962.
- RÜDIGER, Francisco. **Tendências do jornalismo**, Porto Alegre: EDUFRGS, 2003.
- SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e pesquisa**, São Paulo: Hacker, 2001.
- SILVA, Juremir Machado da. **As tecnologias do imaginário**, Porto Alegre: Sulina, 2003.
- TOLLE, Oliver. “Introdução” in GOETHE, Johann Wolfgang Von. **O sofrimento do jovem Werther**, São Paulo: Hedra, 2006.
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**, Florianópolis: Insular, 2005, v.1.
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**, Florianópolis: Insular, 2005a, v.2.